

Argentinos correm aos bancos

Buenos Aires (Luís Cláudio Latgé) — Houve uma corrida aos bancos ontem na Capital argentina, depois que o Governo permitiu que os bancos e as casas de câmbio transformem em pesos todos os papéis em dólares que forem apresentados nos próximos 60 dias — medida que criou o temor de uma futura nacionalização dos depósitos, como aconteceu no México, em setembro de 82.

Milhares de pessoas que têm depósitos em dólar procuraram, sem êxito, os guichês dos bancos e muitos esvaziaram os cofres para recuperar seu dinheiro. O dólar é a referência para os investimentos, negócios com imóveis, carros e até mesmo operações menores — as cadernetas de poupança preferidas são as reajustadas pelo dólar.

A Justiça argentina liberou ontem o presidente do Banco Central, Julio Gonzalez del Solar, preso desde segunda-feira para prestar declarações acerca dos contratos de refinanciamento da dívida externa das empresas estatais. O funcionário, principal responsável pela renegociação da dívida argentina, de 40 bilhões de dólares, foi ouvido pelo Juiz Federico Pinto Kramer em Rio Gallegos, a 2 mil 800 km de Buenos Aires.

A situação provocada pela ação do Juiz, que resolveu embargar os contratos a serem assinados por 31 empresas públicas e bancos do Estado para refinarciar uma dívida de 7 bilhões de dólares este ano, motivou preocupações no país e o Presidente Bignone, a Junta Militar, os partidos políticos e até mesmo a Igreja interferiram no caso, pedindo "sensatez". A paralisação das negociações fez com que os bancos credores suspendessem a entrega de recursos ao país, deixando a Argentina próxima da moratória.

Os esforços do Governo, neste momento, são para tirar a causa das mãos do Juiz Ponto Kramer, que foi acusado, nas últimas horas, de fazer parte de um complô com setores da Força Aérea para "entorpecer" o retorno à democracia.

O Presidente Reynaldo Bignone, num discurso dirigido a todo o país, mas que pareceu particularmente endereçado aos bancos internacionais, assegurou que "o inconveniente será superado". E garantiu que a Argentina saberá respeitar seus compromissos, "como é tradição do país".

O Juiz Kramer, no entanto, não parecia disposto, ontem, a abandonar a causa: "Quem estabelece que, se eles quiserem, poderão nos tomar o estádio do River (club de futebol) ou um hospital?" indagou o Juiz, criticando a forma em que estão redigidos os contratos.